

Jornalismo científico como forma de democratização e popularização da ciência: um estudo de caso do programa Em Tese, da UFPR TV

Aline Nunes Silva¹

Trabalho apresentado no DT-1 - Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

Resumo

O trabalho analisa o programa Em Tese - exibido na televisão universitária UFPR TV - enquanto uma estratégia de divulgação científica para democratização e popularização da ciência. O objetivo é compreender, a partir de um Estudo de Caso, como a televisão e a linguagem audiovisual podem ser usadas como elo entre o mundo científico e a realidade social. A análise é realizada a partir de entrevistas com os produtores do programa e com cientistas. Avalia o Em Tese como uma contribuição importante no contexto das televisões universitárias e públicas, uma vez que os conteúdos científicos recebem pouco espaço nos canais comerciais. Apresenta as limitações do programa no que diz respeito ao formato, à linguagem e também à exibição, restringida a canais fechados e à internet.

Palavras-chave

Jornalismo científico, divulgação científica, ciência, televisão universitária.

1 INTRODUÇÃO

Ao digitar a palavra “cientista” no Google aparecem desenhos de cientistas malucos com suas fórmulas, fotografias de Einstein mostrando a língua e uma legião de pessoas de jalecos brancos olhando microscópios e empunhando tubos de ensaio. O que este rápido exercício revela é uma imagem estereotipada, distante e até reducionista que por vezes se faz do cientista, o produtor do conhecimento científico. É como se cientistas e cidadãos comuns habitassem mundos distintos e paralelos, com linguagens completamente diferentes. O fato é que estes mundos estão sempre se cruzando, uma vez que a ciência transforma a cada dia a rotina das pessoas. É por meio dos métodos científicos que se buscam soluções para problemas que vão do tratamento de doenças, à compreensão do funcionamento do universo ou de processos e rupturas sociais. Mesmo assim, o cidadão comum pouco sabe sobre o mundo científico que para ele parece distante, mágico e até caricato.

Por outro lado, existe um universo que é íntimo dos brasileiros: o mundo da telinha. Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia (BRASIL, 2015) hoje 73% dos brasileiros assistem

¹ Mestre em Educação pela UFPR, jornalista da UFPR TV e professora do Curso de Jornalismo da Faculdade Opet (FAO).

televisão todos os dias da semana. A linguagem audiovisual é conhecida da população, que acompanha pela tela o futebol, a novela, as notícias do bairro, do país, do mundo. É também na frente da televisão que as pessoas buscam sentidos e significados para a vida cotidiana e por meio dela que têm acesso à realidades distantes. A televisão já foi (e é) estudada e usada como estratégia de educação, como recurso didático, como instrumento de promoção da saúde, como fomentadora da cidadania e também com estratégia de aproximação entre ciência e público, com vários projetos de destaque no Brasil.

Este trabalho tem como objetivo analisar um programa de uma televisão universitária como estratégia de divulgação científica para democratização e popularização da ciência. Busca-se compreender como a televisão e sua linguagem podem ser usadas como ponte entre a realidade social e o mundo científico, entre o cidadão comum e o cientista. Para tanto, realizou-se um estudo de caso do programa *Em Tese*, produzido e exibido pela UFPR TV (Televisão Universitária da Universidade Federal do Paraná), exibida em dois canais de televisão a cabo², em um canal do youtube e por meio da RedeIFES³. O programa tem como missão realizar a divulgação de dissertações de mestrado e teses de doutorado, especialmente aquelas realizadas nos Programas de Pós-graduação da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

2 OS CAMINHOS DA CIÊNCIA: PRODUZIR, COMUNICAR E DIVULGAR

A busca do conhecimento é atividade humana. Foi por meio dela que, ao longo dos milênios, homens e mulheres procuraram respostas para compreender a natureza, o funcionamento do universo e a própria realidade social. O processo de conhecer se tornou preocupação de estudiosos que buscavam a garantia da validade e da veracidade do conhecimento alcançado. Foi na constituição histórica da modernidade ocidental e com esta preocupação que se desenvolveu no Século XVII o conhecimento chamado de científico (CARVALHO et. al., 2002, p. 12).

Desta forma, pouco a pouco se organizou o que contemporaneamente convencionou-se chamar de ciência, que “resulta de investigação metódica, sistemática da realidade. (...) Transcende os fatos e os fenômenos em si mesmos, analisa-os para descobrir

² A UFPR TV é exibida nos canais 15 da Net e 187 da Vivo Tv, no canal da Fiocruz, no canal 10 de Foz do Iguaçu, na rádio UniFm (disponível em 94,5 FM na região de Curitiba e pertencente à Funpar, a Fundação da Universidade Federal do Paraná) e disponibilizado no *youtube*.

³ RedeIFES é a Rede de Compartilhamento entre as Instituições Públicas de Ensino Superior.

suas causas e concluir as leis gerais que os regem” (LAKATOS, 1983 apud DALBERIO;DALBERIO, 2009, p. 146).

Conhecer é um processo infinito e em constante mudança e avanço. A ciência está em desenvolvimento ininterrupto, pois a cada novo indício, a cada nova dúvida ou a cada erro, novas teorias são construídas e novas fronteiras são alcançadas. A ciência é também uma construção coletiva, em que os indivíduos pesquisadores trocam conclusões, dúvidas, inquietações e descobertas neste contínuo fazer, como exemplifica Chibeni (2016, p.14-15) a partir da lógica do fazer científico de Lakatos:

No caso da astronomia copernicana, por exemplo, a heurística positiva indicava claramente a necessidade do desenvolvimento de uma mecânica adequada à hipótese da Terra móvel, bem como de novos instrumentos de observação astronômica, capazes de detectar as previstas variações no tamanho aparente dos planetas e as fases de Vênus, por exemplo. Assim, o telescópio foi construído algumas décadas após a morte de Copérnico pelo seu ardente defensor, Galileo, que contribuiu poderosamente para a criação da nova teoria mecânica. Esta, a seu turno, uma vez formulada por Newton, apontou para um imenso campo aberto, no qual se deveriam buscar uma nova matemática, medidas das dimensões da Terra, aparelhos para a detecção da força gravitacional entre pequenos objetos.

É neste contexto que se compreende a importância da comunicação científica, que possibilita a troca entre pesquisadores de várias partes do mundo. “Trata-se do que se chama de exercício da intersubjetividade, isto é, da garantia de que o conhecimento está sendo colocado em discussão e que qualquer outro cientista pode ter acesso a ele” (CARVALHO, et. al., 2002, p. 14). É neste relato - chamado de comunicação científica - que o pesquisador revela os resultados para os seus pares e apresenta como chegou a eles. Portanto, a comunicação científica é essencial para o desenvolvimento da ciência moderna.

Bueno (2010) - autor da primeira tese de doutorado sobre jornalismo científico no Brasil, em 1985 - esclarece que *comunicação e divulgação* científicas são processos distintos, apesar de ambos realizarem a difusão de informações sobre ciência, tecnologia e inovação. De acordo com o autor, a comunicação científica dissemina informações entre os pares - especialistas em determinada área do conhecimento - na comunidade científica. Já a divulgação científica cumpre outro papel essencial: “democratizar o acesso ao conhecimento científico e estabelecer condições para a chamada alfabetização científica” (BUENO, 2010, p.5). É por meio da divulgação científica que os cidadãos comuns compreendem temas especializados e a relação deles com sua vida cotidiana.

A divulgação científica pode ser realizada pela mídia (jornais, revistas, emissoras de rádio, canais de televisões, internet), mas não se restringe a ela, podendo ocorrer em palestras, peças de teatro, histórias em quadrinhos, livros didáticos (BUENO, 2010, p. 4). É no contexto da divulgação científica que se insere o jornalismo científico, já que se faz necessária uma decodificação do discurso especializado. Neste processo, existe um exercício de equilíbrio entre a correção e integridade das informações e a necessidade de comunicar, ou seja, de se transmitir uma mensagem capaz de ser compreendida pelo receptor. É neste momento que, em muitos casos, entra o trabalho do jornalista, o profissional responsável por fazer a mediação entre o pesquisador e o público.

Entretanto, é preciso ir além da simples divulgação de resultados científicos, trata-se também de despertar o interesse pelo conhecimento científico e oferecer ferramentas para que as pessoas possam compreender as especificidades deste tipo de conhecimento. Em outras palavras, é necessário mais do que informar, como revela o exemplo abaixo:

A moção de ir além da informação lembra a triste constatação de Richard Feynman, Prêmio Nobel de Física, que durante dez meses, em sua segunda visita ao Brasil, ministrou cursos de ciências, particularmente física. Ao fim do período, desconsolado, relatou às autoridades brasileiras que o país estava ensinando seus estudantes a decorar fórmulas e conceitos, mas não a lidar com eles. (...) Como na situação descrita por Feynman, parece haver uma tendência em informar as pessoas sobre os avanços da ciência e não em dar-lhes efetivas condições de que compreendam melhor o mundo que as cerca e de se envolverem em seu processo (DUARTE, 2004, p. 2).

É com o despertar do interesse e com esta aproximação que o jornalismo científico pode desempenhar o papel de democratizador da ciência, enquanto atividade humana que interessa a toda a sociedade. Porém, são necessários outros cuidados, como alerta Teixeira (2002, p. 140):

O jornalista de ciência, ao formular uma afirmação como “descoberto o gene da obesidade”, não deixa à vista o fato de estar o seu relato, e os autores do artigo científico, referindo-se a experimentos realizados com cobaias, para as quais é o próprio experimento que define o que é obesidade. A afirmação, assim, transforma a polegada de conhecimento obtida em princípio de validade geral. Comete imprecisão e exagera – faz sensacionalismo.

Realizar divulgação científica é uma necessidade para o fortalecimento da ciência, desde que seja realizada de maneira adequada. É, então, por meio dela que se democratiza o acesso e também que se desenvolve a curiosidade e o espírito científico na sociedade.

3 METODOLOGIA

Este artigo utiliza como encaminhamento metodológico o estudo de caso. Yin (2001, p. 21) explica que “o estudo de caso contribui de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos”. É uma estratégia de pesquisa usada quando se pretende compreender os eventos da vida real de forma holística e significativa. Neste caso procura-se entender como o programa Em Tese, da UFPR TV, pode contribuir com a divulgação e democratização da ciência.

Como procedimentos de coleta, utilizaram-se a análise documental e entrevistas. A análise documental foi realizada junto aos documentos produzidos sobre o programa, aos bancos de dados da UFPR TV e aos dados de acesso do canal da UFPR TV no *youtube*. As entrevistas foram realizadas com as três jornalistas responsáveis pela apresentação e produção do programa nos últimos anos, bem como com o Diretor Geral da UFPR TV e com três pesquisadoras que já participaram das gravações como entrevistados. O roteiro das entrevistas foi elaborado de acordo com metodologia proposta por Bauer e Gaskell (2000). Todos responderam às mesmas perguntas sobre a contribuição do Em Tese para a divulgação científica, o seu papel na aproximação do público leigo ao mundo da ciência, os possíveis benefícios do contato do público com materiais jornalísticos com conteúdo científico, melhorias necessárias no programa para atingir o objetivo de divulgação científica e, por fim, a visão dos sujeitos sobre estratégias de democratização e popularização da ciência no Brasil.

Para a sistematização e análise dos dados coletados utilizou-se a análise de conteúdo (BARDIN, 2010). O critério de categorização utilizado pela pesquisa envolveu as categorias temáticas estabelecidas no roteiro das entrevistas. Utilizou-se também a ferramenta *wordle*, que cria nuvens de palavras a partir de textos.

4 EM TESE: A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA TELEVISÃO

A UFPR TV entrou no ar em 2002 com o objetivo de divulgar informações e conhecimento, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade. Atualmente trabalham na UFPR TV jornalistas, estudantes de comunicação e servidores públicos, responsáveis por produzir aproximadamente 8 horas de programação inédita semanal. A UFPR TV faz parte da RedeIFES (Rede de Compartilhamento entre as Instituições Públicas de Ensino

Superior), que reúne televisões e rádios de 20 Instituições Federais de Ensino Superior de todo o Brasil para disseminar o conhecimento de forma qualitativa, abrangente e gratuita.

Um dos programas produzidos, veiculados e disponibilizados pela UFPR TV na RedeIFES é o Em Tese. A proposta surgiu entre os anos de 2003 e 2004. Desde então, apresenta pesquisas de mestrado e doutorado realizadas nos Programas de Pós-Graduação da UFPR, com o objetivo de aproximar as pesquisas científicas da realidade das pessoas. Todas as quartas-feiras, às nove da noite, o autor de uma tese de doutorado ou de uma dissertação de mestrado é convidado para falar sobre sua pesquisa na companhia de outros especialistas no tema. Atualmente o programa – que tem 30 minutos de duração – se foca nos trabalhos desenvolvidos nas Ciências Humanas, Sociais e Jurídicas, já que as demais pesquisas têm espaço em outro programa, mais focado nas Ciências Biológicas e Exatas.

O programa é conduzido por um jornalista, que realiza a mediação em estúdio e é também o responsável pela produção do programa, inclusive do roteiro. A UFPR TV dispõe de arquivos digitais do programa a partir de 2010, em uma plataforma chamada de ICD (Intercâmbio de Conteúdos Digitais). Sabe-se por meio de pesquisa nesta plataforma que desde 2010 foram produzidas 193 edições do programa. Os primeiros Em Tese foram disponibilizados no *youtube* em 13 de agosto de 2012. Até o dia 13 de abril de 2016 os episódios somam mais 68.117 visualizações.

5 EM TESE: AS VOZES DE QUEM DIVULGA E DE QUEM PRODUZ CIÊNCIA

Desde 2010 – primeiro ano dos arquivos digitais da UFPR TV, quatro jornalistas foram responsáveis pela produção e apresentação do Em Tese: Thaís Camargo, Heloisa Vieira, Thayse Leonardi e Aline Nunes⁴. Três jornalistas foram entrevistadas nesta pesquisa, bem como o Diretor Geral da UFPR TV, professor Carlos Alberto Martins da Rocha, e três pesquisadoras que participaram do programa como entrevistadas, todas professoras da UFPR, do Setor de Ciências Humanas.

⁴ Autora desta pesquisa que não participou como respondente das entrevistas.

5.1 Contribuição para divulgação científica

Os entrevistados foram questionados se o *Em Tese* contribui para a divulgação científica. Na opinião deles, o programa contribui tanto dentro da própria universidade, para pesquisadores de outras áreas, quanto para o público em geral, mas com limitações. Para uma das jornalistas entrevistadas, se não fosse pelo programa “boa parte desse conteúdo estaria restrito às publicações específicas e jamais haveria a possibilidade de trazer para o grande público”, referindo-se às pesquisas realizadas na casa. O Diretor Geral da UFPR TV destaca que o formato do programa também possibilita a divulgação em televisão de pesquisas que não gerariam imagens, pois são de áreas humanas e sociais, com pesquisas fora de laboratórios. Uma das pesquisadoras ressalta a importância deste tipo de divulgação científica ser feita na plataforma televisiva: “o acesso via televisivo ainda é prioritário no país e, portanto, a divulgação das pesquisas via televisão é importante”. Outra jornalista afirma que a presença do programa na internet contribui ainda mais para a popularização do conteúdo científico.

A divulgação científica aproxima o público leigo da produção intelectual científica realizada com investimentos públicos:

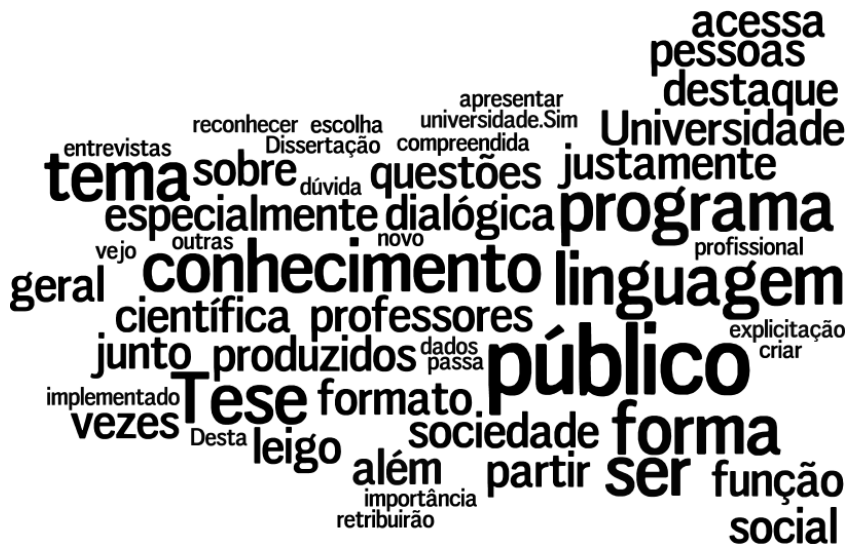
Cada instituição científica possui responsabilidade social específica não apenas de prestar contas do uso destes recursos, mas de contribuir com a evolução da sociedade e ajudar a torná-la mais justa. E, pela ação de seus integrantes, podem optar por assumir esta responsabilidade ou esconder-se, podem divulgar que produzem conhecimento, mas também serem ativas em inserir a ciência nas preocupações e interesses quotidianos (DUARTE, 2004, p. 1-2).

Programas que tratam de ciência em televisões universitárias são uma singela contribuição ao proposto por Duarte, pois abrem uma janela para o acesso popular a termos, problematizações e compreensão de conceitos que, de outra forma, ficariam restritos aos especialistas em determinadas áreas. Porém, no caso de um programa televisivo como o *Em Tese*, a divulgação científica tem limites. A UFPR TV é exibida apenas em canais fechados, é pouco conhecida do grande público e ainda tem uma linguagem mais ligada à academia. Assim, a iniciativa de aproximar público e cientista acaba ainda ficando restrita a um número pequeno de pessoas, que de certa forma já têm acesso ao mundo universitário.

5.2 Aproximação entre ciência e público a partir de um programa de televisão

Os entrevistados foram questionados se um produto televisivo como o Em Tese é capaz de aproximar público leigo do mundo da ciência. Na Figura 2 visualiza-se uma nuvem com as 50 palavras mais usadas pelos sujeitos nas respostas.

FIGURA 2 – APROXIMAÇÃO ENTRE CIÊNCIA E PÚBLICO A PARTIR DE UM PROGRAMA DE TELEVISÃO



Fonte: Elaborada pela autora (2016)

Para os entrevistados, existe no Brasil uma distância entre a sociedade e os conhecimentos produzidos nas universidades, o que gera afastamento, como explica a pesquisadora: “sentimos uma certa resistência ou falta de interesse das pessoas em geral pelo que se produz na Universidade (...) Daí que o diálogo deva ser implementado pela parte que deseja ser compreendida e inclusive justificada, socialmente”. Não é raro que os resultados das pesquisas – por mais interessantes que sejam para a sociedade ou para determinados grupos sociais – fiquem restritos ao ambiente universitário, sem jamais chegar àqueles que poderiam se apropriar deste conhecimento e dar sentido para eles em suas realidades. Assim o conhecimento acaba se tornando apenas letra morta em banco de dados, sem ter significado real.

Durante as entrevistas as palavras linguagem, forma, formato, conhecimento, programa, dialógica e tema aparecem em destaque. Elas revelam alguns pontos essenciais para que a aproximação entre público e o conteúdo científico aconteça na mediação televisiva. Primeiramente, a linguagem. A ciência criou ao longo dos séculos sistemas de produção e também de comunicação. Teses, dissertações e artigos científicos são tecidos com termos e construídos a partir de lógicas que não fazem parte do repertório do público leigo. Logo, é

preciso quebrar a barreira da linguagem e traduzir a ciência para a língua falada pelo povo. Uma das jornalistas entrevistadas relatou que sentia essa dificuldade ao entrevistar os autores de teses e dissertações, com seus jargões científicos. Ela decidiu, então, passar a convidar outros especialistas no tema, de forma a tornar o programa mais palpável. Nas palavras dela: “creio que a partir desse momento o novo formato do programa permitiu que a conversa sobre o tema fosse mais descontraída e acessível, fazendo link mais direto com a realidade do telespectador, especialmente aquele não pertencente à comunidade acadêmica”.

O segundo ponto a ser cumprido por um programa como o Em Tese é aliar forma, formato e conteúdo. Em outras palavras, como criar um formato audiovisual que torne o conteúdo científico compreensível e mais do que isso: significativo para o telespectador? Como utilizar as ferramentas da televisão para criar esta ponte? Para o Diretor Geral da UFPR TV, “é justamente com o trabalho sério de profissionais da comunicação (jornalismo) que conseguimos (ou tentamos) fazer a ponte do conhecimento gerado na UFPR, de forma a criar um retorno para a população que investiu, com verbas públicas, em nossa universidade”. Na prática, é um desafio constante, que obriga o jornalista a mergulhar no trabalho científico e voltar para a superfície com o conteúdo que interessa para a vida cotidiana. Depois ainda é preciso lapidá-lo e tornar a pedra bruta brilhante aos olhos do público. Tarefa que não é atingida em todas as edições, especialmente em uma televisão universitária e pública com recursos limitados.

5.3 Benefícios do conteúdo científico para o público

Na sequência os entrevistados foram questionados sobre os possíveis benefícios gerados pela aproximação entre a população e os conteúdos científicos. Para o Diretor Geral da UFPR, o Em Tese traz benefícios em várias frentes, tanto para o telespectador comum, que “constrói sua trama de evolução cultural letrada, mas também para os diversos segmentos do mundo científico (graduação e pós-graduação) que podem utilizar os programas para aprofundar e inclusive perceber novos pesquisadores e novas linhas sobre suas áreas do conhecimento”. Além disso, como destacou uma das jornalistas, o programa é um espaço para a divulgação de conteúdos que receberiam pouco ou nenhum espaço na mídia tradicional: “dá voz a atores sociais importantes que, certas vezes, não teriam outra oportunidade de comunicar seu trabalho e divulgar as contribuições para a sociedade”.

Já outra jornalista lembra que o programa pode estimular estudantes a se tornarem futuros pesquisadores, mesma opinião de uma das cientistas: “despertar nos jovens e nas pessoas que julgavam ser impossível adentrar na universidade a curiosidade e o desejo de participar da pesquisa”. Outra pesquisadora disse acreditar que a apresentação de pesquisas científicas gera uma melhora no repertório do público que “revisita conceitos e posições, fortalece seus argumentos, descobre novas possibilidades de reflexão e pessoas que fazem a diferença”. As análises encontram ressonância nas palavras de Duarte (2004, p.3) quando afirma que “o desafio maior das instituições é fazer com que as pessoas não apenas tenham interesse pela ciência – uma etapa já superada, todas pesquisas mostram – mas que nela encontrem respostas a sua curiosidade em compreender a natureza, a sociedade, seu semelhante”.

As falas dos entrevistados e do autor fazem um alerta ao trabalho dos jornalistas responsáveis pelo Em Tese: mais do que divulgar o conteúdo científico, é preciso usá-lo para despertar no público a curiosidade, o desejo de conhecer e de saber. É por meio desta instigação que é possível almejar o uso de um programa televisivo para o além da informação, chegando ao terreno da formação dos sujeitos e da transformação social.

5.4 Melhorias no Em Tese

Os entrevistados também avaliaram de que forma o Em Tese poderia melhorar para atingir o objetivo de democratização e popularização da ciência. A Figura 4 foi desenvolvida com base nas 50 palavras mais usadas nas respostas.

Tese deixaria de dar voz apenas para os cientistas e passaria a colocar as duas pontas da meada em contato, democratizando realmente os acessos.

5.5 Popularização e democratização da ciência no Brasil

Por fim, os entrevistados foram convidados a refletir sobre a democratização da ciência no Brasil e sobre estratégias que podem facilitar este processo. “A universidade precisa ocupar mais espaço na vida das pessoas que não tem relação com ela no momento. Ela precisa ser interessante, gerar interesse e ser vista, em lugares para diversos dos que ela continua a frequentar”. É assim que uma das pesquisadoras percebe o desafio da divulgação científica para o público, como um esforço de ultrapassar as fronteiras acadêmicas e ir ao encontro com a sociedade. Nesta linha, o Diretor Geral da UFPR TV afirma que é “com a divulgação científica horizontal, com a tradução para uma língua leiga, que podemos semear e até mesmo aprofundar a transversalidade do conhecimento”.

Uma das jornalistas destaca que é preciso também que os jornalistas estejam preparados para inserir os conteúdos científicos em suas produções diárias, sendo elas específicas do jornalismo científico ou não: “penso que não é a sociedade que não se interessa por esses temas, mas nós, os comunicadores, que muitas vezes não conseguimos fazer a ponte entre o conhecimento científico e o saber popular, a linguagem acadêmica e a sociedade”. Não basta que as ações de divulgação partam apenas das universidades, é preciso que o conteúdo científico seja transversal, que faça parte da rotina dos jornalistas nos canais tradicionais da mídia.

Uma possível reformulação da grade curricular nas escolas é ponto apresentado por outra jornalista, que defende a inserção da lógica do fazer científico nas disciplinas tradicionais. Já uma das pesquisadoras defende mudanças no próprio modelo acadêmico, nas universidades: “o modelo acadêmico atual só reconhece o mérito acadêmico de artigos em periódicos qualisados que, sabe-se, tem um público restrito e bastante seletivo. Sem desmerecer este tipo de publicação, a democratização e popularização da ciência também deveriam ser estimulados”. As palavras que apareceram em destaque na nuvem resumem os processos sociais que seriam necessários para uma maior democratização da ciência: reformulação da educação em vários níveis, uma orientação maior para a divulgação científica e uma busca plural e conjunta de várias instituições e atores sociais para a democratização da ciência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho jornalístico contribui para a desmistificação do pesquisador científico, para o auxílio no processo de alfabetização científica da população, para o despertar do interesse científico nos jovens e para o auxílio na promoção da cultura científica no país. Porém, ainda é longo o caminho a ser percorrido no Brasil para que se alcance uma maior democratização e popularização da ciência. Os avanços dependem de esforços em várias frentes, dentre elas as capitaneadas por jornalistas e cientistas. Aos jornalistas cabe trazer a ciência para suas pautas, suas reportagens e seus enfoques, seja como conteúdo final ou como conteúdo integrante do material jornalístico. Dos cientistas cobra-se um esforço adicional ao seu labor: o de trazer seus achados para a superfície social e o compartilhamento do conhecimento produzido.

É por meio da popularização destes conteúdos que a ciência se torna parte da rotina, integrante do raciocínio e do interesse coletivos e, ainda, ganha destaque e valorização social. Neste sentido, é essencial o trabalho das televisões universitárias e das televisões públicas, que podem se dedicar à produção e à veiculação de produtos e temas que interessam pouco às televisões comerciais. Um destes produtos, de enorme importância social e baixo interesse mercadológico, é a divulgação científica. O *Em Tese*, produzido pela UFPR TV se enquadra neste contexto. É um espaço para a apresentação de trabalhos científicos, para o debate entre pesquisadores e também de aproximação do público com questões que interessam a toda sociedade, mas que em muitos casos ficam encarceradas nas universidades e não alcançam aqueles que poderiam transformar suas realidades a partir das discussões científicas.

Este estudo de caso revelou, a partir da fala de jornalistas e pesquisadores, que o programa *Em Tese* é uma singela contribuição para a divulgação científica, pois tem limitações de formato, linguagem e até mesmo de exibição. O formato reproduz o fazer científico e dá voz apenas a pesquisadores e especialistas. O público leigo que se quer atingir não tem voz em nenhum momento, a não ser como uma possibilidade de telespectador distante. Existe uma tentativa de adaptação da linguagem científica, mas a presença única de cientistas como convidados exige um esforço do jornalista e dos entrevistados para aproximar os conteúdos da realidade objetiva e concreta. Por fim, a exibição do programa fica restrita a canais de televisão fechados e ao ambiente da internet.

Esta limitação encarcera, de certa forma, o conteúdo produzido pelo Em Tese ao público que já tem intimidade com o ambiente universitário, tornando mais difícil e árdua a tarefa de transpor os limites da universidade. De todo modo, ainda é uma possibilidade de contato do conhecimento científico com estudantes de ensino médio, trabalhadores, estudantes de graduação e também de pós-graduação. É, ainda que limitado, um instrumento de entre a universidade e a sociedade.

O estudo apresentado neste trabalho tem como limitações o fato de que as entrevistas foram realizadas com jornalistas responsáveis pela produção do programa e também com cientistas que participaram do Em Tese como entrevistados. Estudos futuros podem ser realizados com telepectadores do programa, com o objetivo de compreender a perspectiva do receptor. Outras pesquisas também podem ser realizadas com outros produtos de conteúdo científico produzidos por televisões universitárias brasileiras.

Arlindo Machado (2000, p.12), em seu livro *A Televisão Levada a Sério* afirma que “a televisão é e será aquilo que fizermos dela. Nem ela, nem qualquer outro meio, estão predestinados a ser qualquer coisa fixa”. Neste caso, a televisão pode ser usada como canal para aproximar a ciência produzida no Brasil dos brasileiros, pode democratizar os acessos e tornar mais possível o sonho de uma ciência forte e significativa no país.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2010.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. **Pesquisa brasileira de mídia: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2015.

BUENO, Wilson Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. esp, p. 1 - 12, 2010.

CARVALHO, Alex Moreira et. al. **Aprendendo metodologia científica: uma orientação para os alunos de graduação**. 3. Ed. São Paulo: O Nome da Rosa, 2002.

CHIBENI, Silvio Seno. **O que é ciência?** Disponível em: <http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/ciencia.pdf>. Acesso em: 15-04-2016.

DALBERIO, Maria Célia Borges; DALBERIO, Osvaldo. **Metodologia Científica: desafios e caminhos**. São Paulo: Paulus, 2009.

DUARTE, José. Da divulgação científica à comunicação. **Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo**, v.1, n.1, jul./dez., 2004.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 4. Ed. São Paulo: Editora Senac, 2005.

TEIXEIRA, Mônica. Pressupostos do jornalismo de ciência no Brasil. **Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001: 133-141.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 2.ed